

Compra
-0. AGO. 1997

Semanário de grandes reportagens

N.º 11

1\$00 Esc

Os grandes
aventureiros
da
America



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 50 - "Conspiradora"
 Avenida - 21, 50 - "Sangue Azul"
 Trindade - 20, 45 e 22, 45 - "A culpa é do...
 ...ibi!"
 Apolo - 20, 50 e 22, 45 - "Zé dos pacatos"
 Maria Vitória - 20, 45 e 22, 45 - "Viva a
 folia!"

Cinemas

São Luiz - 5 e 21 e 50.
 Tivoli - 11 e 21 e 50.

Condes - 15 e 21 e 15.
 Central - 15 e 50 e 21 e 50.
 Olímpia - Das 15 e 30 às 0.
 Capitólio - 21.
 Chiado Terrasse - 15, e 21 e 15.
 Odeon - 15 e 50 e 21 e 50.
 Lys - Das 14 e 50 às 19 e 21 e 15.
 Paris - 20 e 45.
 Salão Portugal - 15 e 21.
 Palatino - 21.
 Palácio - 21 e 15.
 Europa - 21.
 Royal - 15 e 21 e 15.
 Eden-Cinema - (Rua do Alentejo) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Cal-
 vari) - 21.
 Imperial - (Rua Francisco Sanches).
 Salão da "Voz do Operário" - 21.
 Cine Oriente - (Penna de França).
 Salão deal - (Loreto).
 Cine Rossio - 21.
 Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
 Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.
 Max-Cine - (Rua do Carão de Sabrosa).
 Jardim-Cinema - s segundas, quartas,
 quintas e domingos, cinema e concér-
 tos - 14 e 45 - 21 e 45.
 Bêlgica Cinema - (Rua da Beneficência,
 no Rego) - 2.
 Esplanada Vitória - (Rua Alves Torgo).
 Cine Salão Braço de Paia - A's quartas
 e domingos.

Rapidez
 perfeição
 economia

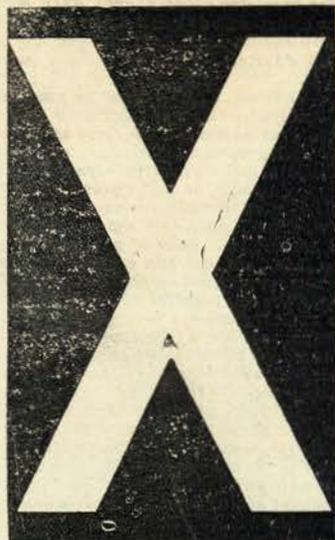


SÓ NA



Imprensa BELEZA
 R. da Rosa, 99 a 107
 Telefone 2 1622 - LISBOA

TODOS A PREFEREM!



Semanário de Grandes Reportagens

tira—porque era... feita de papel! E então o génio—minguou a mediocridade de um espírito menos luminoso do que uma lamparina de azeite; o «Chefe» forte e bravo—correu, a bom correr, para se escapar ao ajuste de contas—sem um esbôço sequer de reacção; o «Grande Patriota» o «Espanhol Simbolo»—exibiu com júbilo de colegial que se liberta, ao ver-se «cidadão» sem preocupações, gozando o exílio com a gula-sema devassa de quem, há muito, sofria a ansia de uma libertinagem sem diques; o Sociólogo—nem sequer se esforçou, por pudor, em tapar os olhos dos seu vergonhoso manto de ilusionismos políticos—ilusionismos inferiores ao do mais caduco, inhabilitado e gasto prestigeador de feira; o «Homem»...—incluindo na palavra o «Marido», o «Pai»—foi desnudado agora—e só agora se convenceram os incrédulos, ante a divulgação das suas atitudes, das suas intimidades—que seriam (e foram sempre) sagradas para mim, não por ele, mas... pelos outros, pela Espôsa, pelos filhos, por mim próprio, que não necessito brocar certas paredes para tacar uma página que exige a crítica, a mangureira da Verdade—se não fôsse agora a inutilidade do meu xoixotismo, visto que essas intimidades andam já por aí, como pelotas de jogo...

Não! O homem cuja máscara de tar-tufo—a imprensa mundial arrancou—não sofreu qualquer metamorfose moral, perguça, sentimental, pelo abalo de ser destronado, desterrado. Não! Ele foi sempre assim! Apenas agora, e até por mais uma exteriorização sincera do seu carácter, se decidiu a não suportar, por mais tempo, os biombos discretos, que protocolamente o ocultavam, a sua vida... Mais nada...

Não fazia tenção de radiografar Afonso XIII a não ser no aspecto agora cravado pelo index público. Mas não resisto á tentação de folhear algumas páginas do album que enchi com... recordações referentes a Sua Magestade...

O velho camarada dos meus tempos boemios de Madrid—hoje legitimamente considerado como um dos mais representativos valores das letras españolas—Wenceslau Fernandes Flores (el «Eza de Queiros» de España) como lhe chamou Unamuno)—sorveu revela-

A propósito do divórcio de Afonso XIII A vida íntima do ex-rei de Espanha



Uma radiografia
ao passado e... ao
presente

pelo

Reporter X

O n.º so brilhantíssimo e querido camarada e colaborador, Rocha Martins—um dos publicistas portugueses que melhor sabem agitar a opinião pública e deslocar, nas directrizes das suas páginas, as multidões de leitores que ele arrasta, sonamboliza, com o vigor, hipnótico ou tumultuoso, da sua prosa, sempre em cachão d'alma e duma irresistibilidade impressionante—dedicou, no último número do «Arquivo Nacional» a selecção semanal das fôlhas caídas do seu block-notes de investigador, de jornalista e de crítico—um artigo sobre o conflito matrimonial e íntimo que, há longos anos, refervia, em surdina discreta no lar de Afonso XIII e de Eugénia Vitória—e que, apoz o exílio, estoirou as costuras, já lassas, das conveniências e se entornou sobre a bisbilhotice mundial, a eterna e insaciável vampiresca das escandaleiras benantes. Pleonasma cometeria eu se viesse agora pesar na balança do meu aprêço, todo o interesse dessas páginas de Rocha Martins... Evoco-as porque se antecederam aos chuveiros simultaneos de revelações que estão agora irrompendo de todas as imprensas. Até o nosso discreto e sisudo «Diário de Notícias»—tão esquivo a badalagem destes assuntos—tem publicado, na primeira página, crónicas de vários colaboradores e correspondentes, esmiuçando novos detalhes, focando novos aspectos desse caso que, se toma proporções sensacionais e litográficas—por ser heroificado por personagens coroadas ou ex-coroadas—não se desnivela, ao fim e ao cabo, dos banalísimos e humaníssimos factos-diversos quotidianos que mal perturbam a corrente das existências burguezas—dilatando a palavra burguez a todas as camadas sociais, desde a plebe até ás que mais se avizinham das famílias reais, ou seja ás chamadas «classes aristocrática-burgueza»...

O «X», logo num dos seus primeiros números—creio que no segundo—e portanto há quasi três meses, ante-viu, nesta mesma secção, esse irremediável divórcio; mas longe de supor a gritaria que provocaria, a avidez do ambiente que se estava criando em redor desse desaguiçado matrimonial; e a velocidade que os acontecimentos tomariam, até esta autêntica derrapage de escândalo—apenas silhueteou as figuras e os capítulos dominantes, sem preocupações de o historiar e de emigrir para a luz da publicidade muitos dos episódios e dos detalhes desse filheteim... Mas já que o divórcio de Afonso XIII está dependurado no alto da cúpula do circo jornalístico—vamos fazer com que o público o conheça em todas as suas habilitades...

Não abduco de ter sido eu, no período doirado do ex-soberano espanhol, quando graças a um dos seus muitos estratagemas de maquiaveli-plagiário, conseguira trapaçar os críticos mais hostis e menos míopes, convencendo o mundo inteiro que era um Génio-Político; «todo um hombre-macho», um patriota, um inovador,—não abduco, dizia, de ter sido eu então o «desmancha-prazeres» que desafinou o côro lisongeiro, chamando-lhe um fiel herdeiro do seu tio, de triste memória—«Fernando VII», gado com todos os seus aleijões morais e mentais, apenas maquilhado por uma astúcia... moderna, século XX; mais lido, mais cínico, melhor histrião.

Recordo várias disputas que incendiei, pelos pacatos meetings dos cafés—quando contradizia as afirmações dos seus admiradores.

«—Aquilo, sim, é um Rei!—proclamavam os outros: Um patriota! Que talento, que sensibilidade política! Que espírito de sacrificio!»

«—Vocês conhecem apenas o Afonso XIII dos cartazes! Deixam-se iludir por ele—como o público ingénuo se ilude pela juventude esplendorosa de Cecil-Sorel—a velhíssima atriz que, sob camadas de crêmes—ousa ainda representar, na «Comedie»—a «Dama das Camelias!» Mas a mentira, por melhor cuidada que seja—nunca se eterniza! Esperem pela pancada! Deixem vir a primeira oportunidade em que o «Grande-Rei» caia sob os bisturis dos cirurgiões de almas—e verão os jactos de puz feoernto que ele esguichará donde... vocês supõem existir essências e perfumes feitos nos laboratórios de Alah!»

As minhas profecias não eram caluniosas—nem foi preciso impacientar-me para que os factos as confirmassem. Bastou apenas a pública sacerdotela mais forte, um dedo espetado nas colunas do trôno colunas que pareciam de mármore desafiando os músculos de Sansão—para que um dedo do Destino esburacasse... a cenografia, a ficção, a Men-



ções preciosas sobre Afonso XIII, através da amizade do seu director do A B C — o falecido Luca de Tena, que era intimido do Rei — o seu «jornalista particular»...

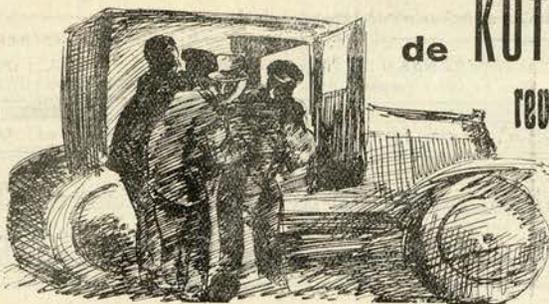
«Afonso XIII — disse-me uma vez Wenceslau — tem um talento: o de conhecer os homens. Sabe fazer-se cercar por dois grupos de «intimos»: os da autêntica e velha grandeza espanhola, capazes de todos os sacrifícios «pelo seu rei» — e os ricos que reem-nobrecidos, que seriam, igualmente capazes de todos os sacrifícios... para se pavonearem ao seu lado... Afonso ama tanto o dinheiro — como ama todos os prazeres! Mas não gosta que os prazeres lhe custem caro. Se forem gratuitos — prefere! O dinheiro, para ele, é uma espécie de tara... Amealhar, amealhar! Não gasta; — mas sem abstinências, sem reflexos nos seus olhos caros... Afonso XIII evita, o mais que pode, compromissos protocolares á noite! É um notívago inveterado — como qualquer flamenco genuíno! Mal termina o jantar o solene — e logo que as damas sobem aos salões — ele pretexta qualquer afazer no seu escritório — e some-se do Palácio. Existem duas ou três portas discretas no Palácio do Oriente, abertas em zonas sombrias — por onde ele se invade — variando-as de noite para noite. Cá fora esperam no alguns automóveis. Sai sempre acompanhado por uma verdadeira trupe...; e mal se julga fora da indiscrição pública — e como um jovem boêmio disposto a pandegas... Nos arredores existem restaurantes que vivem, pode dizer-se, aguardando a visita de Sua Magestade... Além desses refugos — outros, particulares e abundantes existem... Um verdadeiro gozador! Até á hora de fechar os teatros — mantem-se... equilibrado. Depois começam a vir autos despejando vedettes no palacim... — e até simples girls. Champagne, joias e mantons! De cada detalhe de orgia encarrega-se um dos acompanhantes. «Escucha tu, Carlos: el anillo que te encomendé ayer?» — «Y tu, Paco, el abenico que te pedi?» E todos eles, os velhos e os novos fidalgos, os românticos-históricos e os novos e vaidosos, são obrigados a puxar pela carteira e a queimar notas — para terem a honra de pandegarem com Sua Magestade. Até para os ciganos — ele se esquivava a gastos — protestando — por vezes grosseiramente — quando os «intimos» lhe apresentam marcas que não são suas predilectas. Mas os seus «sablazos» (sablazo em argot castelhano corresponde ao tiro ou cravango português) não se limitava a isto... Quando qualquer das suas odaliscas represente o simulacro duma necessidade monetária urgente — a modista, a renda da casa, a conta da garage, etc. — Afonso, generoso — não hesita em tirá-la de apuros — chamando um dos «camaradas» e dizendo-lhe, num ar intimativo, sim, mas revelador da tal «intimidade» que o torna irresistível: «Dá-me dez mil pesetas que logo tas devolvo!» Excusado será dizer que a amnesia de Sua Magestade cobre com veu denso este incidente

«E tanto assim que poucos são os «intimos» que resistem, muito tempo a saborosa glória de o acompanharem... Um moço conheci eu, filho de índio (índio corresponde ao nosso brasileiro de ida e volta) que, graças á imensa fortuna e a uns ligeiros traços de fidalguia dos antepassados, obteve título, entrada no Paço e... é — intimidade do Rei — que me confidenciou um dia: — Afonso é o mais simpático dos homens mas, entre nós! — custa caro! Andei com ele, (deu-me essa honra!) durante uns meses — mas... não poudo continuar!

R. X.

(Continua)

Ainda a verdade sobre o rapto de KUTIEPOFF revelada em Portugal



Um encontro casual. — A mulher misteriosa da rua Andinot. — KutiepoFF, o terror da Rússia Comunista. — A «G. P. U.» de Moscou. — O desfecho.

FOI na «Brasileira» do Rossio, que há dias encontrei o meu amigo Z... — companheiro de escola, que eu perdera de vista há muito tempo e que, dispondo da fortuna dos pais, se pusera a correr as capitais da Europa.

Junto dele, um homem baixo, de olhos escuros, tomava um café, percorrendo a vista por uma revista francesa.

O meu amigo apresentou-mo. Era um polaco com quem se relacionara durante a viagem e que vivera muitos anos em Paris.

Falámos de mil assuntos. Depois, como Z... me perguntasse o que eu fazia em Lisboa, estendi-lhe o X, mostrando-lhe a reportagem escrita sobre Marcel Le Gall.

Z... leu o artigo, traduzindo algumas passagens ao polaco, que parecia interessado com o assunto.

Acabada a leitura, o outro tirou os óculos escuros, e arredando as revistas para longe, disse-me pausadamente: — Vou contar-lhe a verdade sobre KutiepoFF!

E principiou contando: Depois das incursões de Wrangel e Dinikin, os russos brancos viram a impossibilidade de fazer tombar o regime comunista pela força, e resolveram organizar em Paris uma frente única, para onde convergissem todos os russos afectos á causa do Czar.

Tinha a organização central, como chefe, o Gran-Duque Nicolau Nicolavitch, primo do Czar e legitimo herdeiro do trono russo.

Nicolavitch era patriota e fôra sempre contrário á ideia das incursões. O governo soviético, reconhecendo isso mesmo, tinha-o em certa consideração, e nunca tentara nada contra ele.

O seu braço direito era KutiepoFF, a quem os comunistas acusavam de ser o maior perseguidor e de ordenar até fusilamentos em massa nos tempos do império e de manter, actualmente, uma rede sangrenta de espionagem contra os soviets.

Um dia, o Gran-Duque Nicolau morreu. E no seu testamento entregava o comando geral dos russos brancos ao general KutiepoFF.

Ao saber-se, em Moscou, que o general era o novo chefe, a G. U. P. ordenou logo que se apoderassem por qualquer meio, do seu mortal inimigo.

A tarefa era difficil. KutiepoFF raramente saía. E quando os afazeres o obrigavam a deslocar-se, ia sempre escoltado por gente de toda a confiança, e num taxi guiado por um antigo tenente do exercito do Czar.

Durante muito tempo, os agentes da G. U. P. estiveram colhendo informações acerca da vida e dos hábitos do general.

E depois, quando colheram todos os

elementos, planejaram então o rapto.

O meu entrevistado tornou a pôr os óculos escuros e continuou contando: — O rapto foi já sobejamente contado.

Desde manhã, uma mulher de casaco castanho andava rondando a casa do general KutiepoFF. Perto da hora em que se havia de celebrar uma missa por alma dum general que fôra fusilado pelos agentes da G. U. P., KutiepoFF surgiu á porta da casa.

A mulher de casaco castanho fez um sinal para a esquina da rua Andinot, onde estacionava um «taxi», seguido por uma camioneta possante.

Um policia acercou-se do general e convidou-o a chegar á «mairie» próxima.

O general recusou-se e interveio um sinaleiro que estava á esquina — numa esquina... onde nunca houvera sinaleiro. Depois entraram no «taxi», os dois policias e o general.

Foi isto o que disseram os jornais de então.

E fôra a verdade. Só o que nunca se averiguou foi o fim de KutiepoFF.

Mal o general entrou no carro, foi logo morto. O carro rodou em direcção ao norte da França, até uma casa deshabitada.

Chegados lá, os raptadores degolaram o general, e a sua cabeça, metida num frasco de alcohol, foi enviada immediatamente para Moscou, como prova de que haviam sido cumpridas as instruções da G. U. P.

O corpo do general foi enterrado ali mesmo, no pequeno quintal que circundava a casa deshabitada. Em seguida, todos os implicados no caso, que já tinham preparado os passaportes, fugiram cada qual para seu lado.

Tudo o mais que se disser, é falso, acrescentou o meu entrevistado, porque esta é a única verdade sobre KutiepoFF.

Sorri e, incrédulo, interroguei: — Mas oiça, meu amigo, como conseguiu saber tudo isso? Dar-se-á o caso, de V. ter tido...

Fitou-me de olhar assombreado e interrogativo; hesitou; e por fim, num mixto de confidência forçada e de tristeza disse:

— Não, não tive nada com o caso. Lembra-se de eu lhe falar numa mulher de casaco castanho que havia rondado a casa de KutiepoFF, na manhã do rapto? Era filha dum comunista morto por ordem do general, e mais tarde por bamburrrios da sorte, foi ela a minha mulher... Morreu há poucos meses, em Itália... Assim, por ela é que eu fui sabedor de tudo o que lhe contei — esse rapto novelesco, que apaixonou toda a Europa e que ainda hoje, anos decorridos, consegue provocar um certo «frisson» no grande público...

AS GRAVURAS SENSACIONAIS DA SEMANA

(Reproduzidas da imprensa mundial)

Bombeiros voluntários... em Londres

Correio Ultra-Rápido



Uma ninhada de crianças, sózinha em casa, num barão operário londrino, incendiada numa imprevidência natural. Os bombeiros atacaram o incêndio — mas, pela violência do fogo — não ousaram entrar... Dois transeuntes — um italiano e um português, treparam pelas escadas — e arriscando várias vezes a vida, salvaram os pequenos — já semi-asfiziados.



O inventor alemão Gerardo Zucker está realizando em Londres experiências curiosas de um aparelho com o qual conseguirá, afirma, expedir o correio, da Europa para a América, num só dia. A última experiência atraía centenas de curiosos, jornalistas, operadores cinematográficos, etc. ao Hyd-Park — donde ele disparou uma mala contendo 5.000 cartas, para a Ilha de Wight com a velocidade de uma bala.

Um aviador... trágicamente involuntário

Macabras coincidências



Sobre uma aldeia, próxima de Atenas — um aviador militar grego fazia experiências acrobáticas — voando tão baixo que o seu aparelho engançou um lavrador que regressava, a cavalo, ao lar, desmontando-o elevando-o e deixando-o cair de grande altura. O cavalo parecia louco, espanteando no meio da campina — indo depois, em correria, ao local onde caiu o cadáver do dono. O aviador foi condenado.

O médico dr. Reineren e o farmacêutico Amström — eram sócios. Dois irmãos gêmeos não se podiam parecer mais Um dia um deles descobre o retrato do outro, escreve-lhe, combinam um encontro em Chicago. O auto em que um chegava — choca-se com o que o outro o ia esperar, ferindo-se mortalmente ambos e morrendo pessoas de família que os acompanhavam.

Uma entrevista emocionante com Alvaro Moura

O português que foi condenado a prisão perpétua nos Estados :: Unidos e recém-indultado ::

Companheiro de carcere de Pita Soares — o condenado à morte

Recordações sensacionais.

de palestra concedidas pela cachopa, numa romaria, bastavam para o indultarem de qualquer violência que depois cometesse—em desagravo ao desrespeito que representava um cavaco semelhante com outro tenorio... Não que Pita Soares tivesse, no seu passado, por este ou outro motivo, cometido qualquer das diabruras previstas no arcaico Código d'hna das nossas aldeias! Fôra sempre o mais pacato dos homens, a mais diafama das almas!

Mas apaixonara-se nos Estados Unidos! Ela—num domingo de baile, de alegria, de optimismo acolhera, com simpatia,, o latinismo um pouco bronco do cortejador. Os namoros, na America, são mais simples do que nos filmes! Não há tempo a perder! Se o casamento representa, na ilusão dos dois, o paraíso prometido na Terra—seria esbanjamento de felicidade demorar a entrada nesse paraíso! A ele, pois, tanto mais que a entrada é barata, fácil, descomplicada até á singeleza! Pouco antes do casamento—um caso, uma conversa com um parente— algo que seguramente não representava a menor falta para *ela* — mas que para *ele* representou quasi a *morte*—obrigou o Pita Soares a sentir espreguiçar-se, dentro da alma, o *portuguesinho castiço* que trouxera, adormecido, para America. Uma cena violenta — e irremediável, que a fez tomá-lo por louco, impossibilitado de compreender a sua lógica! Casamento desmanchado, separação, um ano em que ambos roeram saudades de uma ventura que não tinham chegado a provar! Outro acaso:

Penitenciária de Charlestown (Boston — onde esteve Moura 26 anos e onde está ainda Pita Soares

UMA manhã, há coisa de uns quatro anos, a meio dum lote epistolário, que me lisongeava sobre o lançamento recente dum jornal meu — deparou-se-me uma carta afitiva. Era como se uma canção, cheia de sol e de alegria, trinada por uma garganta moça, fresca, andaluz — fôsse interrompida pelo glu-glu do estertor dum moribundo, em diabólica agonia... E afigia, sobretudo, que estava redigida sem efeitos pirotécnicos, sem preocupações envernizadas de estilo.

Vinha de uma penitenciária dos Estados-Unidos — e era assinada por um desconhecido: *Pita Soares!* Mal pensara eu, ao decifrar, de pálpebras semi-cerradas, os rabiscos da sua assinatura, que dentro em poucos dias esse nome rebombaria, berrado por todo o país, numa generosa e espontânea ofensiva de piedade.

Contava, simplesmente, a sua parca e banalíssima odisseia... Até à puberdade vivera a existência primitiva, inconsciente, quasi irracional de muitas zonas da nossa provincia. Súbito, um acaso, um enlaçamento do tráfico humano, um conselho amigo — sei lá! — desempastelou-o desse friso monótono e emigrou para os Estados-Unidos. Labutou, mourejou, triunfou... Luzia-lhe mais, o que ganhava como operário, do que os «mundos e fundos» dos ricos da sua aldeia e redondezas — milionários alguns — mas cujas riquezas apenas os distinguiam dos pobres em direitos de despotismo e super-abundância de gulotomia! Um operário, em país civilizado premeia-se com uma existência fôfa, recompensada, cômoda, e alegre... Não dilatará o ventre com pançadas de becalhau—mas delicia o paladar e selecciona, sem querer, dentro dum bom critério higiénico e alimentar, as suas refeições. Tem mais luz; diverte-se; e os seus divertimentos, nas horas de folga, injectam-lhe novas energias e ambições; tornam no *melhor operário que já é!*

Pita Soares, atrofiara a sua inteligência, todos os seus dotes de triunfador,

de homem intuitivamente civilizado — na modorra corrosiva da sua aldeia. Deslocou-se — e adaptando-se rapidamente ao meio burguês—civilizado estontean do-se, talvez, um pouco — sentiu-se venturoso, emocionado!

Mas a evolução não fora completa!



Diniz, o detective português que se celebrou na América e que salvou o nosso entrevistado.

Existem pecos—«que o berço dá e só o tumulto leva...» Civilisara-se americanisara-se, que é o seu sinónimo plebeu berrante, exagerado; mas a tãra arabe ou iberã, ou o que quiserem, do sultanismo, do exclusivismo de macho; a sensibilidade moura ante a mulher que esboça o mínimo gesto de rebeldia ou de simples libertação — embora quebrando apenas uns dógmas forçados pelas exigencias amurudas do macho (e sem seu consentimento) mantinha-se em pleno vigor primitivo, como em Portugal, no tempo em que dois dedos



Joseph H., governador americano que salvou Pita Soares da cadeira electrica e indultou Alvaro Moura

Odio de Mulher

Buscando o socego — A estranha visitante do cemitério — Uma carta e umas lágrimas — Uns tiros em Ermesinde — O enforcado — Antes morrer!



O nosso entrevistado, A. Moura, quando, ha 16 anos, foi condenado na América a prisão perpétua.

o banquete dum casamento na colónia portuguesa... A lei seca não impedia que, ás escondidas, pelos corredores, criados condescendentes, cúmplices dos gangsters despejassem vasilhas de alcool para as guelhas dos convivas... Ela tambem lá estava... E não o esquecerá! Americana ou niponica—era mulher— e as mulheres que amam ou que odeiam, qualquer que sejam as influências do sangue ou do meio—assemelham-se todas! Caprichou em torturá-lo, tumultuando, balbudiando pelas salas, bailando, flirtando envenenando o de ciúmes. Ciúmes num cérebro intoxicado pelo alcool e desenhoulado, o sultão que o português dominara até então, nos mistérios do seu espirito... Estoirom dois tiros! Um por falhanço de pontaria, fulminou a irmã da ex-noiva uma garota de dez anos que traquinava, descuidada, no meio do bailarico; a outra acertou e feriu gravemente a americana!

Criou-se um ambiente hostil e... conclusão: condenado á cadeira electrica — em plena mocidade, com um passado de arminho e um futuro luminoso á sua frente!

Angusteei-me com essa carta de Pita Soares. Poucas vezes desenvolvia uma actividade tão dinamica e proficua — em oito dias! dir-se-ia que era sobre a minha carne que pairava a ameaça do auto de fé das labaredas invisiveis que é em electrocução!

Conseguí, graças á Marconi a autorisação do director da Penitenciaria americana para o entrevistado telegraficamente — entrevista que foi o rastilho do movimento de piedade em todo o país em favor do desgraçado. A diplomacia entreveio e o Governador do Estado comutou-lhe a pena de morte em prisão perpetua...

Mas é preciso dizer-lhe: estou premiado pela gratidão de Pita Soares. Do fundo do seu cárcere nunca me esqueceu. Não passa uma data estiva que eu não receba uma carta de Pita Soares.

O recém-chegado

Mas—a que proposito vos falo hoje de Pita Soares? Há poucas horas um empregado do jornal disse-me: «...Esteve cá duas vezes um sujeito, que diz que vem da America do Norte, e que precisa de falar consigo... Que traz um recado dum amigo seu que está... que está...»—E como não atinava com a direcção, desembrolhou um papel onde o visitante escrevera: «State Prison

(Continua na página 15)

TENHO, muitas vezes, necessidade grande de tranquillidade e paz. de silêncio e descanso, á sombra dos eucaliptos cemitieriais, entre sepulturas, num completo alheamento de tudo, fugido á inquietação da vida, mergulhado no adormecimento das energias físicas e morais, ausente do poder e da resistência que constituem o segredo das minhas vitórias e martirios, das minhas glórias e derrotas...

Lá fui, há dias, até ao Cemitério do Prado do Repouso, a antiga Quinta do Prado, que a Câmara comprou á Diocese em 1836, mas que esta só lhe entregou em 1838, inaugurando-a com o enterramento do «Grande Almada», pai do desembargador Francisco de Almada e Mendonça, cujo busto, em bronze, fica em frente da larga capela onde se effectuam os resposos fúnebres.

Nesta minha última visita, a certa altura fui surpreendido com a presença de uma dama, trajando rigoroso luto, elegantissima, caminhando apressadamente e voltando o rosto repetidas vezes para a reataguarda, como se temesse perseguidores.

Quási ao fundo do cemitério, perto do bronzeo Nazareno, que, de braços abertos, parece querer proteger as inumeras sepulturas, parou junto de um coval humilde, de esguia e negra cruz, despida de quaisquer dizeres.

Olhou em roda, atentamente, demoradamente, depois ajoelhou, tombando a cabeça sobre o peito, curvando-se, a seguir, sobre a lousa do sepulcro.

Não sei porquê, alarmaram-se-me os sentidos, a imaginação principiou a architectar, a admitir possibilidades de uma viva reportagem...

Conservei-me, pois, no posto de observação, um jazigo celebre, cujo rápido relance de vista traz á nossa ideia a pavorosa tragédia do Teatro Baquet...

Momentos longos rodaram sem que o silêncio fôsse afinetado por outros ruidos estranhos ao chilreio da passara e a um ou outro silvo das locomotivas, em demanda da ponte de D. Maria II, ou atravessando o descampado Seminário dos Meninos Orfãos.

Alfim, a dama ergueu-se, lançou em roda um atento olhar, sacou uma carta da pequena malêta de mão—e ficou-se a lê-la.

Embora de longe, vi que abundantes lágrimas lhe banhavam o rosto.

Terminada a leitura, a carta apertada na dextra, estendeu o braço— numa promessa, ou juramento, decerto...

Depois saiu do cemitério.

Não sei porquê, não pude deixar de segui-la. Na rua dos Martires da Liberdade, entrou num prédio alto, mal cuidado e de aparência antiquada. Quem era ela?

La principiar o meu inquerito pelos estabelecimentos próximos, mas não pôde ser. Passava das sete horas— estavam cerrados. Perguntar aos vizinhos do mesmo prédio, ao guarda de giro? Não. Era uma viúva linda... E era de noite— a noite prejudica certas reportagens. Por mais escura que seja, deixa ver sempre aqueles que querem saber o que fazem viúvas lindas...

Voltei lá, no dia seguinte. Soube que enviurara havia poucas semanas— e que se chamava Helena. O marido, um advogado retirado do fóro, fóra comerciante...

Perto da estação de S. Bentó, numa rua ingreme, mal cheirosa e cheia de ruído, existia, há pouco mais de um ano, um escritório, administrado por um ex-advogado... Lembram-se os leitores, não é verdade? Muito bem. Pois esse comerciante era o marido de Helena, esta casara... por casar. Amor, nunca existira ali. Havia muito dinheiro. E, como não havia amor e havia dinheiro, marido e mulher entraram a fugir um do outro, cada qual buscando esquecer-se de que era casado... Deus-se o inevitável... Uma noite, em Ermesinde, Helena, acompanhada pelo homem que amava, o único que, até ali, amara, encontrou-se com o marido. Não havia ninguém na estrada. Apenas os três. Soaram dois tiros. Nem um grito. Um homem tombou. Outro correu para a estação do caminho de ferro, enquanto uma senhora, pálida e ofegante, comunicava

(Continua na página 15)



O Cemitério do Repouso, no Porto



Uma visão de tragédia e de loucura

Lisboa invadida pelas feras



Um elefante surge, com furia, frente à Casa da Moeda

Antes de mandarmos estereotipar a prosa que acabamos de receber e que releemos várias vezes, primeiro com surpresa e até aturadamente, depois com um crescente interesse e emoção (razão esta que não nos deixa hesitar em a oferecermos aos leitores, certos que os leitores sentirão, como nós, o frisson que o autor contagia) devemos preambular este artigo com a seguinte explicação. A pessoa que se oculta sob o pseudónimo de «Aga Pé» é, há muito, do nosso trato e mereceu-nos não só toda a consideração pessoal, pela sua correcção de gentleman como admiração mental, pelo brilho do seu espírito e dos seus trabalhos literários. Exige-nos que não lhe revelemos o seu nome — a que acedemos, cumprindo o fixado. Durante a sua curta visita a esta redacção, nós, que há meses não o encontrávamos, — extabamos, é dever confessá-lo, o seu nervosismo, os seus bruscos extasis.

Os senhores facilmente avaliarão o meu estado psíquico ao escrever estas páginas — quando me lerem até ao final e se lhes crear, no ecran da fantasia, toda a trágica visão, através desse projecto diabólico que um acaso me fez conhecer.

Qualquer motivo que não interessa — obrigou-me — e com íntima e natural alegria a deslocar-me umas semanas para Paris. Havia três anos que me ruia a saudade das minhas — outrora amiguadas — escapadelas à capital da luz... Uma manhã, Jacqueline, a criada alsaciana do Adolphi — com quem todos os portugueses que frequentam esse Hotel, à beira dos boulevards, simpatizam — e que tem sido um íman de atracção... casta para os nossos compatriotas, trouxe-me, na correspondência, uma carta que me intrigou pelo volumoso que era. Abri-a curiosa e precipitadamente, e nas pressas, folheando-a antes de metodizar a leitura fui desembocar... no post scriptum, o que mais me alvorçou ainda. Dizia: «Com-prometo-me a executar todo este plano sob a condição de me vir libertar deste Manicómiu, onde, há anos já, meu pai me sequestrou — embora esteja em pleno uso das minhas faculdades mentais — como facilmente V. Ex.ª comprovará — até com a simples leitura desta carta. Sou apenas uma vítima da sociedade, da inveja e do ódio dos outros — até da minha família. Não é só o espírito duma vingança mesquinha que me levou a dirigir a V. Ex.ª; foi também o convencimento que posso ser útil à sociedade...»

Mas... porque se me dirigiu aquele louco — ou pseudo-louco? Nunca ouvira falar do nome que assinava a carta! Voltámos ao envelope — e facilmente decifrámos o enigma. A carta estava dirigida a um português, sim, pessoa que, noutras eras conheceu toda a espectacularidade dos jornais, das discussões, da celeuma popular, que há muito paira pelo estrangeiro — e que, na última viagem que fizera, da capital onde fixou residência a Paris, se hospedara no Adolphi. Assim se explicava o equívoco da adorável criada do hotel... E — confesso — a pesar de consciente desse equívoco — não me esquevi à... à... — como dizer? — à falta de ler aquela resma de papelada.

E antes de reproduzir o que nela estava exposta — preciso informar os leitores do seguinte: De regresso a Lisboa, quiz saber se o louco... (realmente existia! Feitas as necessárias investigações — através de aturados esforços — apuramos que num dos quartos de uma casa de alienados se encontra, de facto, um louco com o nome que subscrevia o tal plano maquiavélico. Eis a sua visão: fazer com que a população de Lisboa, uma manhã, ao abandonar os seus lares para se entregar às suas tarefas quotidianas seja surpreendida pelo assalto imprevisito, affetivo, sanguinário do mais terrível dos inimigos — dum inimigo que, pelo menos nas primeiras horas, será de difícil contra-ataque — porque todas as defesas estão previstas menos essa. Criemos a hipótese de que Lisboa é a capital da Austria; que a Hungria premeditava um golpe contra a Austria — e que este plano era executado em Viena... — perdão, em Lisboa... E em Lisboa esse plano seria de muito mais fácil execução — porque Viena — e a maioria das capitais europeias — não pos-

suem um Jardim Zoológico como o nosso — e o projecto desse louco baseara-se precisamente no nosso Jardim Zoológico — rico como poucos em feras e que além de uma preciosa e numerosa colecção de tigres, leopardos, panteras, leões, ursos, chacais, lobos — possui um mostruário-vivo de leões — como difficilmente se encontra noutra parte — cerca de 25, alguns dos quais de corpulência invulgar. O que seria, meus senhores, a descida desses animais, das Laranjeiras até ao centro, a sua irradiação pelos bairros.

E o louco dizia: A parte do Jardim reservado às feras, não tem guardas durante a noite. Sobre o tunel que a liga com o resto do jardim, passa uma rua — a Travessa das Aguas Boas — cujo muro é fácil de escalar. Uma vez transposto o muro, achamo-nos em pleno recinto das feras. Além disto, na parte superior do jardim, na chamada «Mata», podem esconder-se quantas pessoas queiram, sem o mais leve receio de serem incomodadas. Mas... há mais: o «Solar dos Leões» fica num terreno anexo a esta zona — que comunica com umas terras de sementeira que, por sua vez, confinam com a Estrada da Luz e com a Azinhaga do Ramalho. A separar o olival, onde está o «Solar dos Leões» e as citadas terras, existe apenas uma frouxa vedação de arame lizo, através da qual pode passar o mais corpulento leão, sem perigo da mais leve beliscadura.

As fechaduras das jaulas dos ursos e dos leões são iguais, de sorte que podem ser abertas com a mesma chave. Com as das jaulas dos tigres, leopardos e panteras, sucede o mesmo. Ora as chaves encontram-se na casa do tratador, um sexagenário que vive só com a mulher, precisamente na parte do jardim abandonada durante a noite. Fácil, seria, portanto, inutilizar

Quem era «Aga Pé». — Um erro de endereço. — O projecto dum louco ou dum facinora magnavélico. — A invasão do Parque das Laranjeiras. — Como se libertavam as feras... — O amanhecer pavoroso da capital. — Episódios de «grand-ignod» e de farsa. — A luta. — A caricatura do burro, a salaia e o chimpanzé.

os velhos, tomar as chaves e abrir as jaulas. Quanto ao perigo do improvisado libertador ser comido pelas feras, não deve haver motivos para sustos. Os pobres bichos, com o horror às prisões e a ância de liberdade, não hesitariam... De resto, as jaulas seriam abertas de noite, e é de crer que as feras só ao romper do dia fugissem.

Primeiro, dava-se fuga aos leões do «Solar», os quais fugiriam para os lados da Estrada da Luz e Azinhaga do Ramalho. Uns subiriam pela Azinhaga até à Quinta da Quelmada, em direcção a Bemfica; outros desceriam a Estrada da Luz, a caminho de Sete Rios. Com a mesma facilidade se libertariam os outros bichos, cujo concurso seria útil à «mise-en-scene» da invasão. Para o hipopótamo bastava levantar uma trave, excitá-lo para o fazer sair pelo tunel — e a sua presença era sufficiente para espantar outros mais apáticos na fuga...

Para complemento desta exposição, há a acrescentar que a porta principal do Jardim Zoológico é aberta duas vezes por noite: uma às 11 e outra à 1 da madrugada, para dar entrada aos empregados que residem dentro do recinto do jardim. A abertura das jaulas seria feita cerca da meia-noite. A 1 hora da madrugada, se o porteiro não estivesse já morto pelas feras, fácil seria a qualquer pessoa franquear a porta aberta e... im-

pedir que ela tornasse a fechar-se... Por ela sairia o «material pesado» e demais bichos que não quizessem maguar os ossos nas pedras da calçada.

Dado o alarme, na manhã seguinte, estabelecido o pânico na cidade, quando, passados os primeiros momentos de atropalhão, se resolvesse cercar o Jardim... já este estaria deserto.

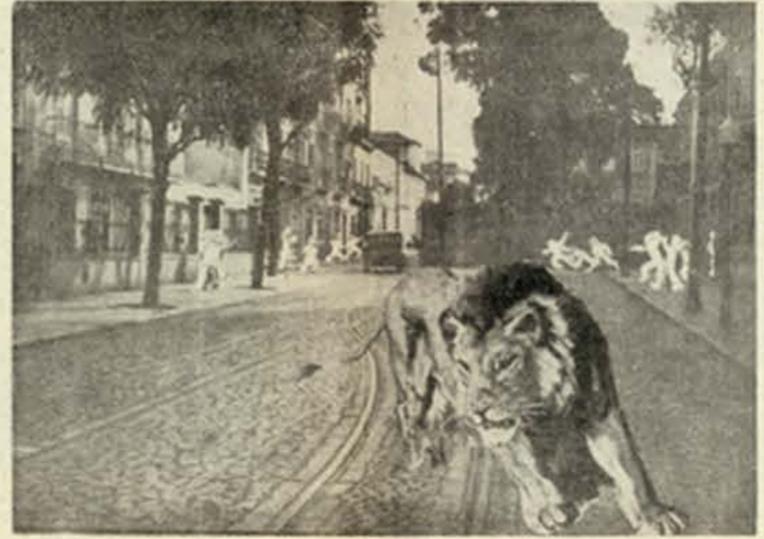
Dispersas pela cidade, entregando-se à sua faina destruidora, as feras (às quais de vespera se haveria fornecido certas drogas próprios para as enraivecêr) estariam absolutamente senhoras da situação...

Neste momento da leitura da carta do louco — respirei fundo — e hoje, no momento de escrever confundem-se no espírito as recordações do que li e os fulgidos de terror que se incendiaram, como chamas de magnético, na minha mente.

«...O alarme era dado na parte baixa da cidade por um carro eléctrico que, repleto de macacaria, entrava de escantilhão no Rossio e descarrilhava defronte do Teatro Nacional. Nesta altura, já os leões teriam invadido os altos de Campolide e Campo Grande e viriam apertando o cerco sobre a cidade. Uma camineta de passageiros teria chocado com um elefante, tendo causado uma morte — e esse cadáver estaria sendo devorado pelos chacais. Um leão andando os vendedores do Mercado que ali funciona. Os que não descarnados pelas garras da fera, seriam vítimas de quedas e atropelamentos. Os feridos eram já dezenas. Entretanto, o alarme percorreria a cidade como rastilho pegado. A ansiedade vai aumentando com a falta de notícias, pois os telefones não funcionam, em virtude de as empregadas não terem podido comparecer, retidas em casa por um justificado pavor.

Confusão, o pânico, o terror! As ambulâncias rodam, velozes, pelas ruas, badalando as sinetas de alarme. Saem dos quartéis contingentes encarregados da caçada... As ruas tornam-se desertas... As lojas fecham-se — assim como os portais. Através dos vidros — rostos ancosos espreitam... Mas a notícia não chegou a toda a parte... Dos bairros poupados e ignorantes do que se passa veem magotes de trabalhadores tranquilos, operários, empregados...

No alto do Parque Eduardo VII ouvem-se tiros. No Rossio appareceu um leão, o qual, depois de beber água num dos lagos, se pôz a dormir regaladamente, a digerir a barrigada. Alguém, na melhor das intenções, atirou-lhe uma bomba do alto de um telhado. O estampido foi terrível, no pesado silêncio das ruas desertas, e mais aumentou o terror nos po-



O povo foge, espavorido, ante as feras à solta



Varios chacais espalham o terror na rua da Mouraria



AGA PÉ.



O director da Policia Secreta do Rio de Janeiro que em breve vem a Lisboa

Os segredos d'uma grande cidade

Rio de Janeiro visto por um dos «azes» da reportagem portuguesa

(Especial para o «X»
pelo Belo Redondo)

BELO REDONDO é, sem dúvida, o «az» dos nossos repórteres modernos — que teimosamente limita a sua especialização ao chamado «crime» ou seja «jornalismo de rua». Não que essa reportagem não exija, como qualquer outra actividade jornalística, uma coincidência de valores profissionais e intelectuais. Mas é que Belo Redondo, que desde a sua estreia nas gazetas trabalhou ao nosso lado, sem alardes nem pimponices de literato, sabe, como poucos, abordar todos os géneros e em todos brilha e marca.

Modesto, extranho, extravagante mesmo, não por exibicionismo — sinceramente, porque é assim mesmo, tem dispersado, em dezoito anos de gazetas, páginas admiráveis de prosa, recheada por um invulgar espirito de observação e defendida pela sua insaciável ânsia de estudioso.

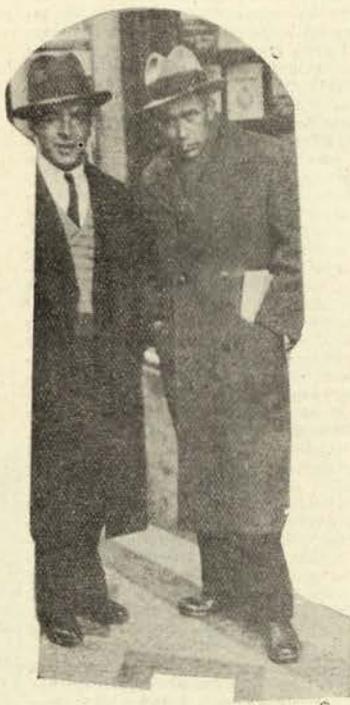
Sempre que pode, pula pela fronteira — e vai espreitar o mundo. O nosso colega *Diario de Noticias*, de cujo elenco ele é, sem dúvida, um dos elementos mais valiosos, enviou-o, em missão especial, ao Brasil — onde se demorou dois meses. Enlaçamo-lo, após o regresso, quando subia o Chiado, estoirando saúde, os olhos a faúlham, o inseparavel charuto meio mastigado, verboso, gesticulador, pejado de impressões...

Ora o Rio de Janeiro, cidade cosmopolita, onde desembocam correntes emigratórias de todos os continentes, onde as raças mais diferentes, as religiões, as moralidades se entrecrocão, impedidas pela febre do ouro e do prazer; da glória e da riqueza; palco dessas admiráveis filmagens que são os livros do saudoso João do Rio — devia ter oferecido a Belo Redondo, tesouros infinitos... Já não o podíamos perder... E Belo Redondo, que é generoso — e um óptimo camarada — não se fez rogado. Eis quasi taquigráficamente, o que ele nos revelou sobre a sua estadia além Atlântico.

—Venho do Brasil, encantado com o que lá vi e, principalmente, com aquilo que se adivinha ao primeiro contacto com o grande povo irmão. Cerca de nove milhões de quilómetros quadrados de terra fértil e rica, onde o progresso caminha a passos gigantes. Em 1830, a população brasileira era de pouco mais de cinco milhões;

um século depois excedia quarenta milhões; a capacidade populacional do país é de 900 milhões e a população cresce, por ano, meio milhão. Estes números dizem o que é o gigante, cujas actividades só podem exprimir-se por milhões, e o futuro que lhe está reservado.

«Para já, há um facto a pôr em relevo: as cidades não têm vida nocturna, não conhecem a estúrdia dos grandes centros europeus. No Rio de Janeiro, por exemplo, às 22 horas, já as ruas estão desertas, abandonados os cafés e as casas de prazer; em compensação, às 6 horas da manhã começa a intensificar-se o movimento, principia a trabalhar-se muito cedo. Os brasileiros têm a noção do trabalho que lhes cumpre fazer no seu país. A sua



Dois reporters; Belo Redondo e Reinaldo Ferreira

própria literatura de hoje, mais num sentido social do que panteísta, encaminha-se para o interior, mergulha na terra as suas sólidas raízes e traz-nos o mistério profundo do sertão, os segredos da selva.

«Nesse país de maravilha, tudo é mágico e lendário. Até o próprio «Lampeão», tido e havido como um bandoleiro dos piores, é um cidadão prestante, porque o terror que estabeleceu evita que o sertão continue a ser invadido pelos grupos de salteadores civilizados que, a propósito de explorações científicas e de excursões desportivas, iam ao interior roubar às populações indígenas os diamantes e as pepitas de ouro que por lá abundam. Aliás, «Lampeão» é, quasi só, um nome; as histórias que dele se contam correspondem mais à imaginação dos que o temem do que à verdade.

«A criminalidade diminui, particularmente nas cidades. No Rio de Janeiro, a Polícia tem uma organização única, dependendo duma só direcção e exercendo eficaz acção: divide-se em Polícia Preventiva, que corresponde à nossa Polícia das ruas; e Judiciária, que é a de Investigação Criminal; e há ainda um quadro especial de *detectives*, para a perseguição dos estrangeiros criminosos. A cidade está dividida em 30 delegacias, em cada uma das quais há um magistrado com competência para instruir processos (o delegado) e um comissário capaz de fazer policia nas ruas da sua área. Em país de vida mais barata do que o nosso, todo este pessoal ganha muito mais do que o que lhe corresponde em Portugal. Assim, um investigador ganha, em Lisboa, entre 580 e 800 escudos; um do Rio de Janeiro ganha entre 650 mil réis e um conto, ou seja perto de 1.500 escudos. Com funcionários assim bem pagos, é explicável que a criminalidade diminua.

«O estudo das estatísticas revela que os crimes mais frequentes, em todo o Brasil, são os de atentados contra pessoas. Em país onde há, como ali, trabalho e pão para todos, o roubo não tem muitos nem grandes cultores. A pena máxima é de trinta anos de prisão, em regime mixto. Mas, cumpridos dois terços da pena, o condenado pode ser posto em liberdade condicional, vigiada e protegida, para se lhe facilitar a regeneração. Sendo enorme, no Rio de Janeiro, a colónia portuguesa, é natural que os portugueses deem, de entre os estrangeiros, uma percentagem maior de criminosos; mas é preciso acentuar: os crimes que fornecem maior contingente de portugueses são os de desfloramentos e atentados ao pudor, quasi sempre reparáveis pelo casamento. E, já que falamos de Polícia, deixame dizer-te: o dr. Cesar Garcez, director geral da Polícia Judiciária, cri-

(Continua na pág. 15)

cência política. Pedro estuda o ambiente, prevê a breve derrota do governo e a vitória de Carranza que, na fronteira prepara uma invasão revolucionária. Não hesita. Corteja uma senhora da família dos correligionários de Carranza, consegue acompanhá-la, através do Texas—ao acampamento dos revolucionários, infiltra-se, graças à influência da tal dama, na confiança do Estado Maior—e consegue que lhe seja entregue a missão da compra de armamento. Um *raid* a New York, muitos milhões de dólares de comissão nas encomendas; e ei-lo, a cavalo, Quixote cínico do exército invasor! Carranza vence, apodera-se do governo—e premeia o seu colaborador Pedro Gonzalez com todos os apadrinhamentos. Entretanto a aventura amorosa entre a tal dama e Pedro entrou numa fase perigosa. O seu parente mais próximo é ministro de Carranza. Um belo dia Pedro é avisado que a legação de Guatemala no México recebeu ordem de Estrada Cabrera para denunciar a esse ministro os tais amores clandestinos—juntamente com a revelação do seu caso de bigamia, do seu casamento com a filha do ditador guatemalteco... Eva Stachini a popularíssima artista—podia, se quizesse, detalhar esta no vela—porque a conhece de perto. Eva Stachini é divorciada dum político de grande prestígio do México amigo íntimo do então colaborador de Carranza...

Pedro sabia como estes assuntos costumavam ser liquidados na América; é um puro pagão; não deseja interromper o alegre banquete que tem sido, para ele, a Vida! Era preciso fugir—mas... o muito que vampirizara—esvoaçara e sumira-se «à la minute»... Precisava rematar aquela tournée à América—não como um pobretão fracassado mas como um D. Pablo Herredia, das conquistas—que volta pôdre de rico...

Pede audiência ao ditador—e apresenta-lhe provas... improvisadas e falsas como Judas—de que estava eminente mais uma revolução—tão forte que Carranza seria vencido—irremediavelmente!!! Carranza não é homem para voltar a cara ao inimigo—mas... pelo sim, pelo não—deseja guardar em pouso seguro, os milhões amealhados durante a sua presidência. Confia, às cegas, em Pedro—e encarrega-o de partir imediatamente para os Estados Unidos e depositar a sua fortuna em bancos sólidos... Pedro partiu...—e não voltou. Cananza não empobreceu—o que prova que Pedro cumpriu, em parte, a sua missão... Mas para que se avalie—quanto custou ao general mexicano este serviço basta que recordemos uma frase de Pedro—doze anos depois, no seu *appartement* do Hotel de Inglaterra—em Lisboa.

Todas as manhãs, às dez horas, iam acordá-lo, para trabalharmos numa tradução que ele nos encarregara. Assistíamos à sua *torbelle*—e, por pouco bisbilhoteiros que fôssemos—um detalhe, por repetido, nos saltou à vista... É que, após o banho e despido um precioso pijama japonês—um dos vinte que comprara no Tokio o ano anterior!—calçava umas piugas de seda, piugas das mais caras, piugas a que tinha de romper o laço de seda, piugas-*virgens*, portanto, que ele só usava até à hora de vestir o *smoking*, para jantar e que depois oferecia ao criado...

—Desde 1912 (estávamos em 1924) que gasto dois pares diários,

pelo menos—e ainda não consegui esgotar o *stock* que comprei, na loja mais chic de Brodway, quando estava ao serviço de Carranza... Palavra que então não sabia em que gastar o dinheiro!... O dinheiro era então para mim—o que são agora as piugas: uma coisa aborrecidamente inesgotável! Foi uma «pechincha»—algo como sete dólares a dúzia! Comprei caixotes... E não acabam as malditas!»

Os aventureiros românticos.— Vícios.—Amores.—Dramas

Os da outra categoria, os aventureiros que se europeísimam, que se occidentalizam—destacam-se Gomez Carrilho e Ruben Dario. Ao contrário dos «Pedros Gonzalez» e dos «Santos Chocanos»—estes cultivavam a vida como ajardinavam os seus versos ou as suas crônicas. Ruben era da República da Nicarágua. Aos treze anos pasmava os mestres com os seus sonetos. Aos quinze raptou a filha dum chefe político—uma criança de doze. O pai da moça viu-



O ditador Estrada Cabrera—sogro de Santos Chocano e de Pedro Gonzalez.

—se obrigado a contorcioner as leis para poder casá-los. Dois anos depois a pobre pequena, sempre apaixonada pelo seu infantil esposo—chorava amargamente as infidelidade conjugais de Ruben—cometidas com grandes damas da sociedade. Ele, enfadado das carícias da mulher (?) abandona-a, percorre a América, consegue chefiar uma revolução em Venezuela—e vencê-la—e aos vinte trepa para a glória literária, na República Argentina, ganhando o primeiro prémio dum concurso de folhetins do grande diário rioplatense—«La Prensa». E a par das apoteoses literárias—*aureolaram-no* os triunfos espectaculosos dos amores, heroicando romances berrantes, ora arrebatando princezas russas (a uma delas dedicou o célebre poema «Lá princeza está triste? Que tendrá la princeza?») ora desvairando mundanas tuberculosas—como aquela que era a alma do seu melhor soneto...

«Te acuerdas que querias ser una Margarita Gautier?»

Inquieto, com a fantasia sempre escaldante lançava-se nas aventuras

mais inexplicáveis e incoerentes. Uma criança ainda—vinte e tal anos—hostilizando protectores fanáticos conquistados no *vieux-monde* conservador argentino, deixou crescer uma bigodeira de marujo e saía dos bailes aristocráticos para se embriagar nas baúdas dos bairros suspeitos... Num dia de greve sangrenta, carnavalesca e do vestuário dum marítimo e de mistura com os rebeldes que ele galvanizara com a sua eloquência—usa e abusa da robustez hercúlea, excepcional de que fôra dotado—e comete uma proeza que ficou grudada à sua fama—embora pouco literária fôsse... Numa carga lançada pela gendarmaria—Ruben fixa o soldado mais violento na repressão—e atirando-se contra o cavalo e aproveitando o escorregadio do asfalto da avenida—consegue derrubar a besta e o ginete... Luis de Vargas Muñoz, que foi testemunha desta façanha—descreve-a no seu livro: «Ruben Dario, el hombre y el poeta».

Mas já a América o asfixiava. Dispara-se, a si próprio, para a Europa, sem pontaria certa. Desembarca em Vigo—como podia ser em Salónica, em Nápoles, em Stokolmo. Passa despercebido pela Espanha—onde, mesmo aqueles raros que já conheciam e admiravam os versos dum tal Ruben Dario americano, de Honduras ou de Nicarágua, do Chile ou da Bolívia—teimavam em não crer que fôsse aquele fedelho petencioso e boçal—o poeta requintado e profundo que os emocionava...

Vai para Paris—e vive Paris como poucos. Mulheres e vícios! Sumtuosidades e misérias! Embaixatrizes, estrêlas de teatro, *trotteuses* dos *fou-bourgs*, mimis românticas de Montmartre; absintos, ópios, morfina à Verlaine; cervejas e *cognacs* de bócios pelintras do Quartier Latin, Champagne dos grand-duques russos; noites ao relento—dos eternos vagabundos; fome nas mansardas—como os heróis de Mürger; estadias de príncipe nos «Grandes Palaces»; recepções gloriosas nas embaixadas e nas Academias, casacas luxuosas e fraques exóticos, à Brummellum Oscar Wilde; capas remendadas dos sonhadores das velas madrilenas, dos poetas lunáticos e miseráveis do século XIX... Mas a vitória definitiva, invencível, firme—chega um dia! Funda o grande magazine «Mundial», em Paris... 250.000 exemplares... Milhares de francos de publicidade... Os livros esgotam-se sob grinaldas de flores da crítica... É traduzido em todos os idiomas! Enriquece... Contam-se as suas excentricidades picarrescas, os seus kimonos, os seus cachimbos, os seus *divans*, as suas *chilabas* árabes, os seus autênticos harems—onde reúne várias amantes de todas as raças! Vem a guerra... Ele dobrou os quarenta... As multiplas intoxicações, os continuos esalfamentos emotivos, machadaram-lhe o coração, todo o organismo. Sente-se doente! A revista acaba... Os editores suspendem as encomendas dos seus livros... Emboça alguns milhares de francos que sobram—e vai para Madrid—pacato, triste, cansado. Numa pensão enamora-se duma criada analfabeta de quem tem um filho—um filho que ue conheci—já com dez anos—e que deve hoje ser um homem...

Ruben era feliz—naquele lar—tão distanciado das suas fantasias opiadas—mas presentia a Morte... Após trinta e tal anos de ausência—vem

(Continua na pág 14)

Uma Margarite Ghauthier e um inglês aristocrata

Na noite em que alguém me mostrou, numa locanda qualquer da rua dos Correiros — feira de apetites e de pústulas — notei, ao perscrutar-lhe a laguna lisa do olhar, que, para além daquele sorriso venal, cansado e amortecido, mais qualquer coisa havia como um sortilégio estranho, uma transparência rara — uma charada de febre.

Atentando bem no seu porte altivo de soberana aborrecida, ela deparava-se-me diferente de tódas as suas companheiras de vida — flores de alcoice que o tufão da orgia estiolou — fazendo valer, nêssa alíviz discreta e acima de tudo, a condição da mulher em que uma beleza se consolidara, uma beleza perturbante, firme, definitiva, isenta de postigos e de tintas e cuja primitiva frescura os seus vinte anos de degradação não haviam conseguido alterar ainda.

Vi-a levantar-se e sair. Ouvi, depois disso, a sua história.

E quando naquela noite procurei vê-la ainda uma vez, fui encontra-la calcuriando a rua Augusta, num vaivem ininterrupto, flexuoso, enervado, ora insinuando-se por entre a turba dos mercadores — que hesitam sempre entre uns olhos escuros e umas madeixas loiras... — ora desaparecendo uns momentos por entre a bruma da lazarenta travessa da Palha, bazar sortido de gangrenas e detritos...

Quem era mimi!...

Coisa estranha; Mimi exercia uma espécie de dominio absoluto no ânimo daquelas raparigas.

Era ela quem as inculcava e aconselhava, nenhuma jamais se atrevendo a tomar uma decisão sem escutar o seu prévio conselho.

Ela tinha voto preponderante nas suas atitudes, e as outras chamavam-lhe a *mãe*, encarando-a com temor, dir-se-ia que com medo, tal era o respeito profundo, o respeito supersticioso que lhes inspirava.

Ainda no ano passado a Lizzet — um estilhaço de rapariga que todos os noctívagos conhecem e cujos primeiros passos no lodaçal a *mãe* guiara — lhe fora pedir conselho sobre a aquisição de um amante — tipo que se dizia senhor de teres e haveres e a queria levar daquela vida.

Mas a *mãe* opuzera-se terminantemente. E a Lizzet, que estivera tentada a desobedecer-lhe, veio a saber, daí a um mês, que o *cavalheiro* não passava de um vampiro que a todas fazia idênticas propostas, levando-as, para as escorraçar depois, pobres vítimas de uma cilada infame, como amazonas ingenuas colhidas em plena galopada por ardiloso embuste...

Se alguma adoecia, nada lhe faltava, porque todas se sugentavam, por vontade da padroeira dos seus rumos, a prestar-lhe os auxílios de que carecia.

Às vezes, aflitas, iam em sua busca. E ela logo as serenava com os seus grandes olhos azuis, abstratos, inteligentes. E, sózinha, punha-se a medir lances, devassando sombras e removendo obstáculos, com firmeza extraordinária, correspondendo, assim, aos seus apêlos veementes, todas buscando abrigo naquela fortaleza contra a invasão dos perigos a que estão sujeitas as suas vidas torvelinhosas.

E a *mãe* era, em *sintese*, um oasis em meio do deserto de almas que é todo aquele mosaico de tortura e de náusea.

Quem era o inglês amante de Mimi!...

Procurei-a ao outro dia. Era bem a mesma mulher que eu vira na vespera e agora me acolhia sem convicção, num sorriso que daí a pouco eu via quebrar-se de encontro à declinação



O retrato de «Mimi» — nos tempos da sua mocidade radiosa e distante que o autor do artigo lhe escamoteou e que conservava piedosamente...

do meu propósito excepcional, da minha atitude de visitante que apenas vem para ouvir, numa ansiada busca de inédito, a narrativa de um drama invulgarmente vivido, cuja protagonista era essa mulher estranha que eu tinha ali na minha frente.

Mas nada pude saber porque ela nada me disse, não obstante as minhas perguntas, estudadas de antemão e artificialmente postas...

— Que a deixassem tranquila com a sua vida, pois não consentia que alguém a devassasse.

Procedi, depois, a um inquérito, que infelizmente não deu grande resultado.

Tudo que consegui obter foi que, durante a sua vida... dos últimos tempos, apenas tivera por amante um in-

glês ainda novo, que a beijara na boca como nenhum homem ainda, e de quem ela recusara uma enorme quantia quando êle tivera de partir para a sua pátria a bordo do «Kent», formidável vaso de guerra que viera buscá-lo de propósito...

Para que levar-lhe dinheiro? — dissera depois. Se por um homem assim daria ela a sua vida, como outróra a teria dado a outro...

E tódas desconfiavam de que êsse inglês era e é um homem... que todo o mundo conhece...

Inquiri da data dessas relações. E apenas uma daquelas raparigas, num titânico esforço de memória, conseguiu recordar-se: — *sai por Abril ou Maio de 1931...*

A coincidência era, de facto, extraordinária.

Procurei-a de novo. Citei-lhe, disfarçadamente, o tal inglês. Ela nada respondeu, mas vi que tinha estremecido...

Seria possível?

A morte de «A mãe»

Esqueci-a um pouco, à medida que os meses foram dobrando.

E uma noite, sem saber porquê, acometeu-me o desejo de vê-la. Lembro-me de que a busquei quasi ávidamente por entre todos aqueles manequins do vício que bebem a sombra às taças e desfilam pela noite morta adiante, que vivem da noite e para a noite, e para quem a vida é mesmo uma noite medonha e imensa, sem princípio nem fim...

Encontrei-a e segui-a, indo depois cruzar-me com ela no caminho, para vê-la de perto, como se quisesse sondar, no sortilégio azul dos seus olhos, o mistério profundo da sua vida.

Tinham decorrido oito meses depois que eu a conhecera, e li nitidamente que algo se avizinhava dela... como que um epílogo breve, um fim próximo daquela vida que a Dôr gerou e a Dôr ia engulir, estreitando os êlos da sua cadeia de amarguras e resolvendo calcá-la, enfim, numa agonia curta, vertiginosa, fulminante.

E a Morte, apiedando-se, veio buscá-la.

* * *

E levou-a.

Lembro-me ainda daquelas mulheres pálidas, maceradas, que a foram levar a enterrar, vertendo torrentes de pranto, altivas como rainhas, no orgulho da sua máguá, e da formidável impressão que tive das suas lágrimas — talvez filhas da perda daquela que fora sua mãe, insubstituível, na vasa e no enchurro, e talvez também um pouco reparadoras, por sobre o erro das suas vidas...

DELFIN RAMOS

Os grandes aventureiros modernos da América

(Continuação da pág. 12)

a nostalgia da pátria, da Nicarágua, da família, dos amigos — de todos os que deixara, menos daquela criança que raptara, na emoção da sua primeira loucura amorosa e que era a sua verdadeira esposa — de quem já se esquecera... Voltou — e só a ela encontrou — esperando-o sempre, sempre na fé que havia de regressar um dia — tão digna, tão amante, tão «noiva em lua de mel» como no dia do noivado... Dois meses depois de ele começar, de facto, a querer-lhe com toda a ternura — aquela ternura de moribundo que no isolamento da agonia englobam todas as saudades das aventuras terrestres num só símbolo — morreu a beijá-la, como a beijava, aos quatorze anos...

Gomez Carrilho — foi mais sereno, mais calculista — embora irrimamente gafado pelos mesmos vícios, sofrido da Vida, de prazeres, de glórias, de amores — de emoções. Era de Guatemala — e aos 20 anos não sabia ainda ler nem escrever! «Nunca fiz um exame! — confessou-nos várias vezes, em pleno apogeu!» E contou a sua cultura era inciclopédica, e as suas polémicas, fossem em que terreno fossem, esmagavam os peritos melhor especializados. Vem para Paris — e começa, modestamente como redactor do «Dicionário Gramier». Um artigo, enviado, ao acaso, para *El Liberal* de Madrid — garantiu-lhe a primeira colaboração em Espanha... Uma reportagem sobre Marrocos, avermelhada pela guerra — atraiu, sobre ele, a atenção do velho Meyer, director do *Gauleis*, de Paris... Aos trinta anos dava a volta ao mundo — escrevendo crónicas para dezoito diários e revistas de Espanha, França, Inglaterra, Argentina, México, Estados Unidos, etc... Ao morrer, deixou doze milhões de francos... ganhos a escrever. Mas simultaneamente a sua vida de cronista — desbobinaram-se as crónicas reais, vividas nas suas constantes aventuras: hoje, invadindo um serranho, em Constantinopla, como a heróica um capítulo dos Claude Farrère, dos Pierre Loti, dos Sem Rex... amanhã arrancando do Japão uma milmosa *geisha* — por quem se fez amar, num ardor de instintos mais latinos do que asiáticos e que morreu no seu lar, em Paris — na Rue Castellaine; batendo-se em duelos, dando golpes políticos em várias nações, influenciando — romaneando a vida — até ao complexo folhetim policial de Mata-Hari; até ao cruel poema de desespero amoroso que foi o seu casamento e divórcio com Raquel Meller...

Ah! Santos Chocano? Este pertencia ao frizo dos aventureiros americanos... 100 por cento — que só heróificam aventuras... americanas e na América! Basta-nos-ia folhear as recordações de Pedro Gonzalez Blanco — seu *cunhado* — para com elas desenterrarmos ouro para uma obra volumosa...

Nasceu em Lima — capital da República do Peru. Precocemente como os outros — muito novo, o seu talento badalava, forte e imponente, impondo-se! Mas a par dos seus poemas — surgiam, escandalizavam, mais ruidosas e enervantes, as suas proezas aventureiras — sempre a roçarem pela tragédia! Dir-se-ia um voluptuoso do sangue, da Morte; um jogador de Perigos — só pelo gozo da emoção!

Aos 19 anos chefiava uma revolução — cuja derrota o sepulta num cárcere inquisitorial de Callao — e donde só ressuscita em 1895 — quando reviravoltaram os destinos da Pátria e a revolução de Nicolas Pierola saiu triunfante. Após um período de obras sensacionais que guindam o seu nome ao eter da glória — e o dilatam para além dos oceanos — o governo encarrega-o de compor os versos para o hino nacional. Em 1903 a Pátria quer consagrá-lo com uma homenagem doirada — e nomeia-o secretário da Embaixada Especial a Madrid. Este seu capítulo diplomático é desconcertante! Vitórias políticas que ultrapassam todos os optimismos — e desaires grosseiros ou violentos; consegue que a Pátria triunfe do litígio de fronteiras com o Chile confiando-o ao arbitrio do Rei de Espanha —; lança poemas que o entronizam entre os primeiros líricos do mundo — e... acaba por se sentar num

banco dos reus, num tribunal de Madrid, envolvido numa causa escandalosa, escabrosa mesmo! O governo abafa a grita que se rasga em redor do seu nome, manda-o para o México, como consul; no México, em vez de cuidar da sua missão — ou de se entreter com os seus versos — deixa-se contagiar pelo azedume político, toma armas contra Porfirio Dias, ajuda Pancho Villa a marinar á dictadura de triste memória, torna-se seu íntimo, homem da sua maior confiança, deserta do consulado; e quando assassinam o revolucionário Madero, compõe um poema que ficou célebre — «Sinfonia-Heroica» — e procura pessoalmente vingar aquela morte...

O Peru vê-se obrigado a transferir-lo para Guatemala! Liga-se a Estrada Cabrera, casa com uma filha do presidente, torna-se, primeiro, antipático aos inimigos do sogro que, numa efémera vitória, o querem fuzilar; e a seguir, após o regresso do dictador ao poder, conjura contra este, é, por este, condenado à morte — episódio a que já nos referimos... Indultado, abandona a Guatemala, regressa ao Peru, é recebido como um heroe — e lança uma campanha em favor do que ele chamava «Dictaduras organizadoras». O ambiente sofreu logo uma metamorfose depreciativa — e ele viu-se só em campo, esquecido, abandonado por todos — conhecendo quasi a miséria... entretanto — vários raptos e acrobacias aloucas — iam transformando a apatia artificial e humilhante do público numa hostilidade rancorosa. Em 1923, no hall do jornal «El Comercio», o jornalista peruano Elmore, que floreteara, com ele, uma polémica — rija até à brutalidade — defrontou-o, insultando-o. Chocano, violento, arrebatado, desembolçou uma pistola — ferindo-o de morte! Preso, julgado, condenado a três anos de prisão! O processo assoprou tempestades políticas e pessoais! Uma semana depois o Congresso, num favoritismo evidente — mas desculpável — conseguiu abrir-lhe as portas da prisão. Viveu ainda algum tempo na Pátria — mas tão isolado e odiado se sentia — ele, *el genio-mimado*, habituado à lisonja, ao aplauso, à glória — preferiu romper — instalando-se em Santiago, capital da vizinha República do Chile. Ganhava o que queria — colaborando em doze dos maiores jornais de toda a América do Sul e Centro, escrevendo livros com tiragens valiosas. Calculava-se que Chocano, nestes anos de Chile, tivesse amealhado algo como 300.000 pesos (três mil contos)!

Mas tinha de morrer como morreu... Era o epílogo lógico — o epílogo técnico — da sua existência. Foi o único detalhe em que ele foi coerente — ao longo da vida: o detalhe na morte!

Triste que estes homens de génio — sejam sempre assim — uns loucos, amorais perigosos para os outros e para eles próprios! — dirão os leitores! Triste é — mas... Deus Nosso Senhor bem sabe o que fez! O génio é um luxo mais do que caro: um luxo que só se paga em moeda deste quilate!... O Génio e a Tragédia e a Fatalidade e a Loucura — se não são sinónimos deviam vir na mesma página, no Dicionário da Vida!

R. X.

Este novo pó aguenta-se durante 9 horas



á borla — espectáculo que todos os homens detestam. No entanto, não tenho nunca o nariz luzidio e estou sempre certa de que o meu rosto conserva, durante todo o dia, a sua frescura e seu fine «mate» e aveludado. Aplique simplesmente o Pó Tokelon (com «mouse de creme»). de manhã eu chamo-lhe o «Pó d' Arroz das 9 horas», porque fica muito mais tempo que qualquer outro pó que eu tenha empregado; a transpiração não o atravessa, não se altera com o vento ou com a chuva, tonifica a pele e suprime os poros dilatados. Fazendo V. Ex.ª esta experiência das 9 horas, assegure-se dum novo encanto.

A venda em todos os estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokelon (Secção X), 88, Rua d'Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

Uma entrevista emocionante com Alvaro de Moura

(Continuação da pág. 17)

—Charlestown-Boston» A prisão de Charlestown? E alvorcei-me! Só podia ser notícias de Pita Soares! Pouco depois aquietou-me a chegada do anunciado viajante: um português baixo moreno, peludo, olhos esquivos, olhos que são alburns troncados de imensas colecções de dores próprias... e alheias... Fala um português com suta-gue yanquee... E' tímido, nervoso, inquieto...

—Trágo-lhe um abraço de...

Interrompo-o «—De Pita Soares?»

«—Sim! Durante quatro anos falava-me a Diário do senhor! Está ansioso por conhecê-lo! Pede a família que lhe mande tudo o que o sr. publica— e olha que o director conhece português— deixa-o ler os seus livros, os seus jornais! Tem confiança em si! E' o mesmo a quem o sr. se dirigiu quando foi a questão de o salvar da «cadeira»...

«—Falou diariamente com Pita Soares, durante quatro anos? — indaguei, surpreso... — Ele pode receber visitas quotidianas?»

«—Não senhor!—E baixou os olhos mas logo os ergueu, e fitando-me um mixto paradoxo de firmeza e de desanimo, explicou—E, que eu fui seu companheiro de prisão durante todo este tempo! Quando ele para lá foi, coitado!—já eu lá estava há doze anos! Também me salvei da morte! Também fui condenado a prisão perpetua... Entrei para a penitenciária de Charlestown em 1918—e só se me abriram as portas há meses! Consegui a extradição! Ah! estou livre das grades—mas quem me salva daqueles que ficaram para sempre, a fecharem-me o coração; ferros endurecidos em 16 anos de cativo, de martírio! Que destino o meu!»

Compreendi tudo num relance! Pita Soares, como um novo prémio da sua gratidão — enviava-me uma tragédia — um assunto doloroso — para eu tratar... E o meu visitante narra-o com uma simplicidade que seria mecânica—pela imobilidade dos musculos faciais; pela lisura monotona da sua expressão vocal, pelo seu sunambulismo — se não fosse o filme agitado, turbulento, que prepassa interrupto e variado, pelas suas pupilas negras—ilustrando as suas palavras incolores, quasi vulgares.

«—Chamo-me Alvaro de Moura. Nasci numa aldeia—Via de Baixo, em Monte Alegre—em 1895. Tenho quarenta anos, portanto! Uns parentes que se acomodaram na América tentaram-me... Parti para New Belford em 1915... Fui logo empregado na «Fabrica da Prata»... A vida parecia-me então um sonho... Ganhava o que nunca julguei... E divertia-me! E era feliz... Eu tinha um namoro em Portugal casei-me por procuração, dois anos depois—e minha esposa veio ter para minha companhia... Para a ventura ser completa—do nosso amor floriram filhos e... havia com que os criar, graças a Deus!

«Mas o Destino... o Destino! Sabe-se lá nunca quando o Diabo se tece! Um domingo, á noite, havia uma festa de operários portugueses— num hotel em New Belford—um hotel como Lisboa não conhece. Fui á festa—como ia sempre... tudo correu alegremente sem desmancha prazeres, sem atritos... Quando chegou a hora de nos retirarmos—saí com um compatriota nosso. Um policeman, que parecia desajuizado

—começou a implicar com o outro português; e como este resistisse na sua birra—feriu-o com o bastão... Protestei indignado— e o ferido, que mais uma vez, quiz reagir... E ularam apitos; correram novos policiaes que nos começaram a agredir também... O sr. sabe como é o feitiço dos portugueses! Perdi a calma e ao sentir-me ferido também—saquei duma pistola... Houve troca de tiros... Uma bala atravessou-me a perna; e eu, caindo no solo, num gesto que não sei quem foi que o ditou—eu não, porque o não pensei!—disparei mais uma bala—que foi atingir o guarda na cabeça... Ele morreu, mas só quatro anos depois, quando eu estava condenado.

«Estive dez dias no hospital! Depois... depois—o julgamento... a condenação a pena perpétua.

Entreí no carcere, em Charlestown, nos arredores de Boston... Foi em 22 de Dezembro de 1918... Como sabe aquela região é toda habitada por portugueses... A população da penitenciária é de 992 presos dos quais... 68 são portugueses! Lá deixei quatro—condenados também a prisão perpetua: o Pita Soares; um tal Salvado, transmontano —por tr morto um hespanhol—(eternos ciúmes!); e dois pretos das nossas colônias; um por ter morto a mulher adúltera outro por ter assassinado a namorada que tão pouco lhe era fiel... «—E Pita Soares?—indaguei

«—Quando ele entrou—como sempre que eram compatriotas—os portugueses pediram para lhe falarem o animaram, sobretudo aquele que... estava destinado á cadeia... Todos nós perdemos a esperança—menos ele—sobretudo depois dos telegramas que o senhor lhe mandou. Um dia nas vésperas da data para a execução—quiz ir ver a sala e os trabalhos dos operarios que começavam a preparar a ligação com a cadeira maldita e a inspecionarem a instalação electrica... Nós fomos enpreita-lo. Estava sereno—como se não fosse para ele aquilo tudo... «—Tenho fé!—dizia. Estão a trabalhar por mim lá em Portugal! O governador ajudou muito. E' uma bela alma! Como o crime de Soares era a passional—e não de banditismo puro — olhou-o sempre com generosidade... Que alegria quando se recebeu a noticia que estava salvo! «—E o que faz Pita Soares?

«—Trabalha—como todos nós! Mas ele é muito inteligente. Lê muito! Estuda! Ganha bastante. Dedicou-se a inventos! Inventou uma caneta de tinta permanente — que ele proprio fabrica no carcere—e que está vendendo em toda a América. Na sua officina chefia numerosos presos—que exclusivamente fabricam os seus inventos!

«—? «—Ah! As penitenciarias americanas são... piedosas. Temos cinema, todas as semanas—com os filmes mais modernos! Existem igrejas em todos os rituais, de todas as religiões! Os guardas são respeitadores—e ai daquelle que exorbita!

«—Quem obteve a minha extradição foi um português— dos mais queridos da nossa colonia e considerado como um dos mais famosos detectives da policia americana. Como? Português o detective? Existem muitos—mas este é comparado aos maiores da America; chama-se Jacinto Diniz e já foi sheriff de New Belford e... deputado! E' uma santa alma!

Odio de mulher

(Continuação da pág. 7)

telefonicamente que um homem fôra alvejado a tiro, em plena estrada. E, após o aviso, desapareceu.

Alguns dias depois, no Hospital da Misericórdia falecia a vitima dos tiros em Ermesinde. Helena correu ao escritório do marido, depois de recebida uma carta, trazida por um empregado do hospital... O odio e o desespero transpareciam-lhe no rosto—afirmou quem a vira entrar. Que ia ella fazer ali? Apenas se demorou alguns minutos no interior do prédio. E notaram que saíra a correr, afogueada, com passos vacilantes.

Meia hora depois, sabia-se que o ex-advogado se enforcára. Triplíce salvação: da prisão, da ruína e da esposa adúltera. Fôra melhor assim.

... ..
E não mais falaria na viuva, se ignorasse o que a carta, lida no cemitério, lhe dizia. Perdão para o assassino— e que ella visse para elle, seu marido e amigo. Ah! não! Amigo, elle? Perdoar-lhe, ella? Viver? Não, antes a morte!

E, devem lembrar-se os leitores, há alguns meses morreu, trucidada pelo rodado de um comboio, uma senhora, na estação da Senhora da Hora. Disse-se que foi um desastre; no entanto, há muito quem assim não pense...

HUMBÉRI

Os segredos duma grande cidade

(Continuação da pág. 10)

minalista de grandes méritos, virá a Portugal em Junho próximo, fazer-nos uma visita.

«O indio está tomando grande preponderância no simbolismo literário do Brasil; estátuas, livros, quadros, em tudo elle aparece consagrado como o símbolo forte do Passado. O negro começa a sentir inveja deste predomínio puramente espiritual, porque se sente também brasileiro. E esboça-se um largo movimento de reabilitação do tipo africano, tendo-se realizado há pouco, em Pernambuco, um grande congresso afro-brasileiro, em que foram estudados os problemas étnicos, sociais, psicológicos e económicos da raça negra no Brasil.

O culto do indio é, porém, tam grande, que o velho «Pai Natal», de botas altas e casaco de Astracan, friorento e caduco, está sendo substituído por «Vovô Indio», guerreiro forte, de tanga e flecha. É elle quem brinda as crianças no dia 25 de Dezembro.

«Em resumo, meu velho, o que mais me encantou no Brasil, á par dos esplendores encantos da paisagem, foi o encontrar um povo rico e livre, que não importa e produz, em belas condições, todos os géneros alimentícios; um povo que não tem fome, portanto, dispondo dum largo e prometedor futuro económico; e ainda um povo com uma vasta consciência cívica e um sentido tam amplo da liberdade, que consente tôdas as manifestações de opinião política, desde as mais extremistas ás mais conservadoras. A Democracia brasileira não receia o futuro.»

BELO REDONDO

BLENOAN

o MELHOR NO
TRATAMENTO
DE



PROSTATITES
E BLENDRAGIAS

AVENDA EM TODA
A BASTE
de p. geral:
FARM. STIVA CARVALHO R. DOS TANQUEIROS 206

**Móveis, Estofos
e Decorações**

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa
Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belem, 80-82
Telefone. Belem 237
LISBOA

Venereologia e Sífilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:
R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

Clinica Geral

r. Mário Teixeira Bastos

Consultório:
Rua Garrett, 17, 2.º, D.º
LISBOA

BRANCO & IRMÃO

Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.
Reparações • Para-Raios • Antenas
Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88
PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se
**DEZ NOVELAS
DEZ NOVELISTAS**

Grande exito
de livraria

Está á venda em todo o País

Director: MIGUEL CRUZ
Rua Diário de Noticias, 113

CAFÉ RESTAURANT TAVARES
RUA DO MUNDO = LISBOA

O restaurant cosmopolita — o restaurante europeu
O restaurant frequentado pela melhor sociedade
O preferido pelas colónias estrangeiras

Concertos diários pela célebre troupe «Gounod»

Restaurante PRIMAV. RA

Um canto discreto. — Optima cozinha. — Petiscos sempre variados. — Clientela sempre selecta. — Preços económicos

Travessa da Espera — LISBOA

Uma noite europeia?
Uma noite em Montmartre?

«O Alhambra»

de LISBOA — PARQUE MAYER

O «Dancing» melhor frequentado
O mais alegre O mais brilhante
Boa musica Belo ambiente
Admiravel serviço de «Restaurante»

1 hora de «ALHAMBRA» recompensa 22 horas banais

Surpresas todas as noites

AO **«ALHAMBRA»!**